

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO –  
COORDENADORIA GERAL DE ESPECIALIZAÇÃO,  
APERFEIÇOAMENTO E EXTENSÃO  
PUC-SP**

**Jussânia Moraes Martins**

**Divórcio e intergeracionalidade, há repetição?**

**ESPECIALIZAÇÃO EM TERAPIA FAMILIAR E DE CASAL**

**São Paulo  
2015**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO –  
COORDENADORIA GERAL DE ESPECIALIZAÇÃO,  
APERFEIÇOAMENTO E EXTENSÃO  
PUC-SP**

**Jussânia Moraes Martins**

**Divórcio e intergeracionalidade, há repetição?**

**Trabalho apresentado à Banca Examinadora, como exigência parcial para a obtenção de título de Especialista em Terapia Familiar e de Casal pelo COGEAE da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo sob a orientação da Professora Dra. Cláudia Beatriz Stockler Bruscin.**

**São Paulo  
2015**

## DEDICATÓRIA

*A todos os cônjuges que ao separarem-se sentem-se como Maldonado (2009) descreve: “A separação desencadeou um parto em mim mesma. No meio da dor e do sofrimento, me senti nascendo de novo, com outra beleza, com outro potencial, descobrindo um mundo que nem desconfiava que existia.”*

## AGRADECIMENTOS

*Ao autor de tudo, que diariamente me dá as graças de que preciso para os passos necessários nesta longa jornada.*

*À minha mãe, Socorro Moraes, que sempre está ao meu lado, de perto ou de longe, me dando forças e apoio, mostrando-me com suas lutas diárias que não há nada impossível para Deus.*

*Ao meu pai, Leonildo Martins, minha família, materna e paterna, que me ajudou e ajuda a ser quem eu sou.*

*Aos meus amigos de São Luís do Maranhão por saber que posso contar mesmo à distância.*

*Aos meus amigos de Botucatu, principalmente os quem tem me acompanhando de perto, torcendo e apoiando em toda a minha jornada nestes últimos anos. Ao Grupo do Movimento Focolare, minha gratidão. E com carinho, a Celia Sforcin, pela ajuda com o meu abstract.*

*Aos meus pacientes que me ensinam diariamente como ser uma profissional melhor.*

*Aos meus colegas de turma da PUC, dos anos de 2011 e de 2013, que me ajudaram, acolheram e carinhosamente me ensinaram com suas contribuições em sala de aula, nos cafés, nas equipes reflexivas e no nosso FOFAT. Em especial a Flora Mesquita, afilhada querida que me cativou. A Brunna Pereira, Mariana Cacciacarro, Camila Freitas, Genilda Alcântara, Rosângela Matos.*

*À Darcila de Fátima Bozoni, bibliotecária da Unesp, que mais uma vez me ajudou com seu conhecimento e seu carinho.*

*À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Claudia Bruscajin, por sua orientação e apoio, gratidão. Algumas pedras no caminho tive que ultrapassar e, por isso, me ausentei mais do que gostaria.*

*Ao Tiago Dias, por ser parceiro e companheiro de todas as horas e por sua paciência e bondade.*

## EPÍGRAFE

*“Depois de sonhar tantos anos  
De fazer tantos planos  
De um futuro pra nós  
Depois de tantos desenganos  
Nós nos abandonamos como tantos  
casais*

*Quero que você seja feliz.  
Hei de ser feliz também  
Depois de varar madrugada  
Esperando por nada  
De arrastar-me no chão  
Em vão  
Tu viraste-me as costas  
Não me deu as respostas  
Que eu preciso escutar  
Quero que você seja melhor  
Hei de ser melhor também  
Nós dois  
Já tivemos momentos  
Mas passou nosso tempo  
Não podemos negar  
Foi bom  
Nós fizemos história  
Pra ficar na memória  
E nos acompanhar  
Quero que você viva sem mim  
Eu vou conseguir também  
Depois de aceitarmos os fatos  
Vou trocar seus retratos pelos de um  
outro alguém  
Meu bem  
Vamos ter liberdade  
Para amar à vontade  
Sem trair mais ninguém  
Quero que você seja feliz.  
Hei de ser feliz também  
Depois”*

*Arnaldo Antunes, Carlinhos Brown,  
Marisa Monte*

## RESUMO

# DIVÓRCIO E INTERGERACIONALIDADE, HÁ REPETIÇÃO?

Jussânia Moraes Martins

**NUFAC – Núcleo de Família e Comunidade da PUC- São Paulo**

**2015**

Este trabalho apresenta uma revisão bibliográfica de estudos brasileiros. Obteve-se 35 artigos. Após a análise, foram incluídos 20 artigos, entre os anos de 1998 a 2015 e obras relevantes sobre o tema. O divórcio é uma dolorosa experiência pela qual passa o indivíduo por se tratar de um difícil processo que ambas as partes vivenciam. Neste estudo busco investigar o tema divórcio e intergeracionalidade, com o objetivo de constatar se há repetição no padrão intergeracional dos casais que passam por essa experiência.

O que justifica a elaboração do presente trabalho é trazer a experiência clínica para a teoria, que confirma a vivência cotidiana de psicólogos que trabalham no atendimento de casais, para ajudá-los a quebrar paradigmas quanto a legados de repetições de gerações.

Intergeracionalidade pode ser descrito como o transmitir em um grupo, vários significados construídos de geração em geração. As diferentes maneiras de conduta entre as gerações influenciam as formas das famílias se relacionarem permitindo o indivíduo se construir, desenvolver-se e se realizar socialmente. Os vínculos se estabelecem, assim como os diferentes papéis que são desempenhados a partir destes relacionamentos. O que se observa muitas vezes no sistema familiar é a dificuldade em quebrar barreiras, há uma busca repetida, por velhas e conhecidas histórias. Desse modo, a família criará uma barreira protetora para a manutenção e naturalmente as repetições dos mitos, como forma de preservação.

A pesquisa, através da revisão bibliográfica, verificou que as lealdades inconscientes impulsionam à repetição, isto é, dizem respeito a algumas expectativas que existem e cumprem-se nos casamentos e divórcios. Filhos de pais divorciados acabam divorciando-se. Nesta concepção sobre repetições cada membro nasce como se tivesse um papel a ser cumprido e executado com as obrigações e expectativas designadas pela geração anterior.

**PALAVRAS-CHAVE:** Intergeracional; Divórcio; Casamento; Terapia Familiar.

**ORIENTADORA:** Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Claudia Bruscagin

## **ABSTRACT**

### **DIVORCE AND INTERGENERATIONALITY, NO REPEAT?**

Jussânia Moraes Martins  
**NUFAC – Núcleo de Família e Comunidade da PUC- São Paulo**

**2015**

### **DIVORCE AND INTERGENERATIONALITY. IS THERE REPETITION?**

This paper presents a literature review of Brazilian studies. Thirty-five articles were obtained. After the analysis, 20 articles and relevant work on the subject were included between the years 1998 na 2015. Divorce is a painful event for the individual and a difficult process that both parties experience. We seek in this study to investigate divorce and intergenerationality in order to see if there is repetition in the intergenerationality in order to see if there is repetition in the intergenerational pattern of couples who undergo this experience. The objective of this work is to bring clinical experience to theory, confirming the everyday psychologists experience working with couples aiming at breaking paradigms as the legacy of generation repetition. Intergenerationality can be described as the transmission of several concepts built from generation to generation to a group. The different ways of intergenerational conduct influence the ways families relate, allowing the individual to restart and reconstruct his life socially. The bonds are established as well as the different roles that are performed from these relationships. What is often observed in the family system is the difficulty in breaking barriers; there is a repeated search for old and well-known stories. The family, therefore, creates a protective barrier for the maintenance and repetition of the myths as a means of preservation. A research through the literature review found that the unconscious loyalties drive to repetition, that is, relate to some expectations that exist in weddings and divorces. Children of divorced parents end up divorce themselves. In the conception of repetitions, each member is born as if he/she had a role to fulfill and perform according to the expectations from the previous generations.

**KEY WORDS:** Intergenerationality; Divorce; Marriage; Family therapy.

**ORIENTADORA:** Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Claudia Bruscagin

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 OBJETIVOS.....	15
2.2 Objetivo geral .....	15
2.1 Objetivo específico .....	15
3 METODOLOGIA.....	16
3.1 Desenvolvimento do estudo.....	16
A estratégia de busca utilizada foi :.....	16
4 INTERGERACIONALIDADE E TRANSGERACIONALIDADE .....	17
5 CASAMENTO E DIVÓRCIO .....	19
5.1 Mitos sobre o casamento .....	16
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	21
7 REFERÊNCIAS .....	22

## APRESENTAÇÃO

Iniciei no Curso de Terapia de Casais e Família, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, no ano de 2011, ao chegar de São Luís do Maranhão, com o objetivo de estudar famílias para me aprimorar no trabalho que já realizava como psicóloga hospitalar.

Morando em Botucatu, interior do Centro-Oeste de São Paulo, tinha há apenas um ano e meio dado início a um novo ciclo de vida familiar, estava na fase de aquisição, segundo Cervený, Berthoud (2010). Semanalmente me dispus a viajar para a capital afim de apreender o máximo de conteúdo e informações que orientassem o meu trabalho hospitalar, mal sabendo eu que essa era apenas uma desculpa que havia encontrado para compreender melhor o sentido do casamento e tudo o que nele é envolvido.

Em 2012, ao passar em uma Pós Graduação *Sticto Senso*, precisei trancar o curso para realizar as disciplinas necessárias do mestrado. Ao retornar, em 2013, nova turma, novas questões surgiram com o decorrer do curso, alguns questionamentos foram aparecendo e se tornando relevante para o meu estudo.

Observava que mesmo nos relacionamentos que tivessem discórdias, conflitos, problemas e sofrimentos, os cônjuges continuavam juntos, mesmo que sob fachada com sentimentos de raiva, mágoas, conformismo, acomodação levando a infelicidade e conseqüentemente infidelidade. Entretanto, para acontecer o divórcio, o casal já havia se separado afetivamente há muito tempo (PARISI, 2012).

A partir destas verificações senti o desejo que este trabalho acontecesse, como fruto de minha experiência pessoal e clínica em atendimentos a casais que, coincidentemente, passavam pelos mesmos questionamentos que os meus, assim como passavam pela difícil experiência do divórcio como divisor de águas em suas vidas.

Portanto, este trabalho tem o propósito de investigar através de uma revisão da bibliografia em português: quais mitos existem sobre o casamento?

# 1 INTRODUÇÃO

Em 1977, o divórcio foi regulamentado no Brasil, mas ainda sendo impossível juridicamente casar novamente. De fato, o divórcio e o recasamento já ocorriam, antes mesmo da regulamentação pelas vias de lei, porém não eram reconhecidos ou aceitos socialmente, tornando-se temas velados ou evitados nas redes sociais e familiares. Atualmente crescem os registros de divórcios no Brasil, tornando-se um acontecimento comum na vida das famílias e cada vez mais os casais procuram esta alternativa para lidar com a insatisfação conjugal (GRZYBOWSKI, 2007).

O processo evolutivo das normas do divórcio sofreram idas e vindas ao longo de seu processo, ganhando tons conservadores e ao mesmo tempo tons progressistas após a constituição de 1988 (CARNEIRO, 1973). Porém, é preciso explicitar que o direito a separação ocorreu de forma paulatina. A partir da criação do casamento civil, a separação tornou-se um tema recorrente no Congresso Brasileiro. Por muito tempo, o Estado manteve a ideia de indissolubilidade matrimonial, permitindo apenas a separação de corpos, mas não o divórcio (BOTEGA, 2002).

Primeiro foi instituído a ideia do desquite. O casal passaria a viver separadamente, inclusive com separação de bens, mas não tinham direito a um novo casamento, tampouco ao direito de união estável como conhecemos hoje (ANDRADE, 2012). Tal situação encerrou-se, apenas, em 2010, com a Emenda Constitucional 66/2010 que transformou o divórcio em dispositivo imediato, encerrando a necessidade de separação judicial ou de fato para a conclusão do divórcio (CARNEIRO, 1973).

O divórcio é uma das mais dolorosas experiências pelas quais pode passar o indivíduo, por se tratar de difícil processo que ambas as partes vivenciam em etapas diferentes, como em pensamentos secretos, no difícil diálogo entre eles e ao aceitar e revelar para quem os cerca (CARUSO, 1989).

Conforme Moreno (2009) a palavra “divórcio” vem do latim *divortium*, significa “separação”, por sua vez derivada de *divertere*, que quer dizer “seguir caminhos opostos, afastar-se”.

O afastar-se, no mundo pós-moderno que vivemos, frente as transformações que ocorrem em um tempo acelerado, de certa forma são desafios para o casal diante de uma

sociedade com exigências sociais, porque o casal está vivendo como um só e acreditando que a felicidade está em viver como um casal e fazer com que o casamento dê certo (CARNEIRO; POLITY, 2008). O divórcio passa a ser um processo que pode ocorrer no ciclo vital da família, mas não acaba com ela, porém muda sua dinâmica (CERVENY, 2011).

Com as mudanças das dinâmicas as necessidades de cada membro da família são revividas e ansiedades se expressam na expectativa de respostas e soluções. Fantasias não verbalizadas de cada membro do casal, a respeito do funcionamento da conjugalidade, defesas compartilhadas, possibilitam o significado de um laço através do qual pretendem responder às necessidades do outro, assim como ter as suas igualmente atendidas (ZORDAN, 2010).

Assim como o casamento, o divórcio é uma questão única para cada casal que se separa. O divórcio é mais comum entre adolescentes que se casam cedo ou entre cônjuges de diferentes níveis socioeconômicos e culturais, assim como cônjuges cujos pais eram divorciados costumam resolver um problema conjugal optando pelo divórcio (MCGOLDRICK, CARTER, 1989).

Zordan (2010), afirma que a paternidade é uma experiência provocadora de tensões no casamento fazendo com que o parceiro sinta menos prazer com o outro após o nascimento dos filhos. Relata também que a presença de doença nas crianças gera uma tensão ainda maior, sendo que casamentos em que um dos filhos morre por doença ou acidente têm uma tendência de cerca de 50% terminarem no divórcio.

O término da relação, para alguns casais nem sempre acontece quando deixam de amar, pois a tendência do casal é formar uma base de apoio com o relacionamento. Seria como se a identidade de um dos cônjuges se misturasse com a do seu par e as pessoas ao redor começam a tratar o casal como uma unidade, explica Oliveira (2009). Separar-se é abrir mão de sonhos, desejos e planos com a outra pessoa, assim como desfazer dos seus planejamentos para recomeçar (OLIVEIRA, 2009).

Uma separação sempre vem acompanhada de sofrimento, mesmo quando o amor acabou e já não há mais motivos para manter o relacionamento. E é por isso mesmo que muitos casais insistem em tentar preservar uma relação que já chegou ao fim, por estarem emaranhadas ao outro e, portanto, o medo os assola (MALDONADO, 2009). Sztokbant (2012) nos fala sobre este medo apontando que “Parceiros grudados se anulam como indivíduos, tornam-se excessivamente dependentes, tendendo a morrer psíquica e emocionalmente”.

Leon (2013) relata que, mesmo a relação chegando ao fim, muitos casais permanecem juntos porque não conseguem se sustentar sozinhos emocionalmente. Tem dificuldade de amadurecer. Bancar a situação é continuar com um falso pensamento que está seguro e protegido sem precisar passar por um processo de individualização.

As pessoas que se divorciam foram durante algum tempo indivíduos que se relacionaram afetivamente, conhecem bem uns aos outros, sabem o que fere, o que machuca e ao perceber-se na relação com todas estas dificuldades, querem cortar bruscamente esses laços que os uniram (CERVENY, 2006). A separação acontece muito antes para um dos cônjuges, que pode, interiormente, trabalhar este rompimento e fazer um luto antecipatório. O outro cônjuge não percebeu ou não quis perceber o movimento em direção a separação do companheiro e tem que elaborar a perda mais rapidamente e pode acontecer deste cônjuge sentir-se traído e suas reações serem inusitadas, levando a um ódio profundo ou a uma dor imensa (CERVENY, 2006).

Um divórcio transforma a família e derruba a afirmativa alimentada por séculos de que casamento é uma estrutura indissolúvel e que a possibilidade de se desfazer irá acabar com a família também (CERVENY, 2006). Porém, quem experimenta da situação diretamente, evidencia, com grandes dificuldades, que família não é resultado apenas do casamento, pois esta não é a estrutura de uma única especificidade (CERVENY, 2006).

Diante da prática clínica, observa-se que os cônjuges se divorciam não porque reprovam o casamento, mas porque o estimam a tal ponto de não aceitar que a relação conjugal não corresponda às suas expectativas. Portanto, longe de significar uma desvalorização do casamento, o divórcio reflete grande exigência dos cônjuges (FERÉS-CARNEIRO, 2003). Zordan, Wagner, Mosman (2012) em pesquisa constituída por 156 processos de casais que haviam se passado por divórcios consensuais e litigiosos, constataram que as uniões não são mais para a vida toda, podem ser rompidas a qualquer momento, levando o matrimônio a um vínculo de vulnerabilidade como outro qualquer.

Polity (2008), refere que discutir sobre casais, seja qual for sua denominação e casamentos, remete ao pensamento de pessoas que escolhem ter uma vida em comum juntos com o desejo de compartilhar de suas vidas emocionais, financeiras, sexuais, familiares, etc.

Segundo Minuchin (1990) ao definir uma família, poderia ser a união de dois adultos e o começo de uma família. Discute, ainda, que a teoria sistêmica compreende a família como

um sistema aberto e dinâmico onde há influência entre seus membros que constantemente são influenciados e influenciam o ambiente em que vivem.

O ambiente em que vivemos e as atuais mudanças que estamos passando decorrem de um mundo pós-moderno onde as transformações acontecem em um tempo acelerado com rupturas e mudanças de tradições. Tais transformações ocorrem de uma forma repentina, que traz à sociedade um desafio quanto ao adaptar-se à essas exigências sociais, portanto as pessoas sempre esperam que algo mude e melhore e, com isto, carregam mitos com relação ao outro de que ele casou e vai mudar, mas este é um dos mitos, não o único ou o mais importante (KROM, 2000).

Junto com estas mudanças, os casamentos que antes possuíam mitos sociais que os definiam, passaram a ter alterações que podem ser associadas a alguns fatores como a emancipação da mulher no mercado de trabalho, uso de anticoncepcional e outros métodos contraceptivos junto com a liberação sexual, diminuição do preconceito com o divórcio, aumento do sincretismo religioso, mudanças nas definições de família (MULLER, 2005)

Quando um casal resolve ter uma família ou compartilhar uma vida a dois é no desejo de ser feliz, entretanto muitas pessoas se casam sem conhecer seu funcionamento emocional e familiar da qual faz parte e tão pouco do seu cônjuge (POLITY, 2008). Esta concepção está um pouco ligada a falta de diferenciação do Ego, conceito que Bowen, 1998, define inferindo que os relacionamentos emocionais mal resolvidos estão ligados a família de origem, portanto ligações que podem levar a dificuldades consigo mesmo e com o outro.

Leon, 2013, sugere que a baixa autoestima é uma das características que demonstram a atitude do casal de manter uma relação, mesmo sabendo em seu íntimo que não vale mais a pena. Outra questão importante é que estar ao lado um do outro nem sempre significa amor, a dependência que os cônjuges possam sentir um do outro, faz com que a relação se mantenha (LEON, 2013).

Diante de uma crise, os sujeitos procuram negá-la, evitando confrontar-se com possíveis desilusões. Verifica-se que alguns ideais que estiveram presentes na construção do laço conjugal foram atingidos, deixando-o vulnerável (LEVY; GOMES, 2011).

Inúmeras são as razões que levam as pessoas a insistirem nas relações que já acabou. Porém, as consequências em manter um vínculo negativo e sem amor são maiores, a começar por conviver com o constante envolvimento de frustração e insatisfação, machucando-se e

quem está ao seu redor, além de um desgaste grande na vida de cada indivíduo. Sem o amor a vida dos cônjuges podem se tornar um martírio (LEON, 2013).

Um dos pontos observados em insistência nas relações é que, quando há alguma crise ou mudança de ciclo de vida familiar, é possível a constatação de algum padrão familiar que é transmitido através das gerações. É o que chamamos na Psicoterapia Familiar Sistêmica, de Padrões familiares intergeracionais.

O que justifica a elaboração do presente trabalho é trazer a experiência clínica para a teoria, que confirma a vivência cotidiana de psicólogos que trabalham no atendimento de casais, para ajudá-los a quebrar paradigmas de repetição de gerações.

## **2 OBJETIVOS**

### **2.2 Objetivo geral**

Investigar se há Repetição Intergeracional, a partir de revisão bibliográfica, nas situações de divórcio.

### **2.1 Objetivo específico**

Realizar revisão bibliográfica para pesquisar se há repetição no divórcio e intergeracionalidade, e com a questão dos mitos no casamento:

## **3 METODOLOGIA**

### **3.1 Desenvolvimento do estudo**

#### **A estratégia de busca utilizada foi:**

(Relação entre Gerações OR Lacuna entre Gerações) AND (Divórcio OR Separação Judicial OR Separação Matrimonial) AND (Casamento OR Matrimônio OR União Estável OR Relacionamento Conjugal OR Casamento Civil).

A busca foi realizada nas bases de dados: Index Psicologia – Periódicos técnico-científicos, Lilacs

Obteve-se 35 artigos. Após a análise, foram incluídos 20 artigos, em português, entre os anos de 1998 a 2015 e obras relevantes sobre o tema, dos respectivos assuntos abordados.

#### 4 INTERGERACIONALIDADE E TRANSGERACIONALIDADE

Faz-se necessário, por primeiro diferenciar os conceitos de Intergeracionalidade e Transgeracionalidade, para pensarmos na repetição intergeracional do divórcio.

Cervený, 2011, quando trata do assunto intergeracionalidade, descreve que “reconhecer e transmitir é situar-se em uma comunidade e aceitar ser o elo da corrente intergeracional que é reconstruída através de novos significados, de geração em geração”. (Cervený apud McGoldrick e Gerson, 1995), discutem o tema, anteriormente, referindo que: “as famílias repetem-se a si mesmas”.

As diferentes condutas entre as gerações, influenciam as formas das famílias se relacionarem permitindo o indivíduo se construir, desenvolver-se e se realizar socialmente. Os vínculos se estabelecem, assim como os diferentes papéis que são desempenhados a partir destes relacionamentos. As maneiras como cada membro da família assumem seus papéis rege seus relacionamentos intergeracionais e são responsáveis por criar a coesão entre o grupo e os vínculos que se estabelecem dentro dele (HERÉDIA, CASARA, CORTELLETTI, 2007).

A transmissão é essencialmente de configurações de objetos psíquicos e suas ligações com seus predecessores. O que é transmitido constitui a história do indivíduo para manter os vínculos de relação entre sujeitos e sujeitos, as formas e os processos de conservação e a complexidade da vida, como ideias, mecanismos de enfrentamento, identificações e certezas. (HARTMANN, SCHESTATSKY, 2011)

“Essas configurações de transmissão são também fortemente marcadas pelo negativo, o que não pôde ser contido, retido, lembrado, que não encontrou inscrição na psique dos pais e que vem depositar-se na mente da criança: a falta, a doença, o crime, os objetos desaparecidos sem traço nem memória e para os quais nenhum trabalho de luto pôde ser realizado (HARTMANN, SCHESTATSKY, 2011).”

Estas configurações de transmissão, cujo autor acima fala, pode ser definido com a comunicação de elementos familiares que acontecem de duas formas: a intergeracional e a transgeracional. A intergeracional é passada através da geração mais próxima, ou seja, pelos pais, onde o conteúdo pode ser transformado, digerido e transmitido à próxima geração; e a transgeracional, cujo material psíquico da herança genealógica transmitido por várias gerações de forma não perceptível e não simbolizado (BENSI, 2013; CORRÊA, 2000).

Em situações em que os indivíduos têm dificuldade de diferenciação de si mesmo para com o outro há, inevitavelmente, problemas de emaranhados nas relações. Nestes casos o processo de diferenciação do self é de extrema importância.

A criança nasce conectada e indiferenciada em relação ao ambiente. A formação de seu self se dá com relação a família. O self consiste numa diferenciação do eu e não eu, numa crescente integração até permitir uma imagem unificada de si mesmo, em contraposição ao mundo exterior. Esse movimento se dá como consequência de um ambiente adequado para o desenvolvimento de forma a possibilitar o amadurecimento das potencialidades de um self elementar que já existe desde o nascimento (MARTINS, 2005)

## 5 CASAMENTO E DIVÓRCIO

O casamento tem sido tema frequente em diversas áreas, tanto entre teóricos clássicos e conceituados da Psicologia, como em consultórios e nosso cotidiano. Portanto, uma das bases da vivência do ser humano nada mais é que as relações. Há várias formas de se relacionar, não exclusivamente em grau de satisfação, mas também no tipo de prazer procurado por cada um dos cônjuges (NASCIMENTO et al, 2011). A decisão consciente de se relacionar com outra pessoa para a maioria é uma tentativa de se obter conforto e felicidade, porém, não existe relação sem conflito.

Entretanto, as motivações que levam as pessoas a se relacionarem, muitas vezes são impensadas. Essas decisões inconscientes são promovidas através das satisfações, frustrações e conflitos não resolvidos durante a infância com a família. Os vínculos com os pais e com pessoas significativas são geradores básicos de internalizações na mente do indivíduo, no qual, o mesmo repetirá ao longo do seu desenvolvimento até a vida adulta (ZANETTI; SEI; COLAVIN, 2013).

Uma relação à dois não nasce pronta, é construída aos poucos, porém, as motivações que conduzem a evolução e o desenvolvimento de uma relação possuem uma base inconsciente, pois nós estamos aprisionados internamente pelos padrões de relacionamento desenvolvidos com as figuras significativas na nossa infância (NASCIMENTO ET AL, 2011).

A escolha do parceiro e a decisão de se relacionar com alguém é chamado por Zanetti, Sei, Colavin (2013), de “Contrato secreto do Casamento”, na qual, não nos diz nada sobre a felicidade ou infelicidade do casal, nem mesmo se as pessoas envolvidas no relacionamento se amam ou permanecerão juntos pelo resto de suas vidas, mas este contrato consiste no argumento e motivação para que essa relação exista. O que se pode compreender diante da escolha com quem a pessoa irá se relacionar é que vai além do olhar romântico, pois relembra-se na relação de origem as figuras significativas de cada um, repetindo-a nos relacionamentos atuais (ZANETTI; SEI; COLAVIN, 2013).

A escolha conjugal apresenta o lugar do sujeito na cadeia geracional e no momento do encontro amoroso os entrelaçamentos geracionais dos parceiros se misturam e formam um lugar de conjugalidade. A dupla é inconscientemente impulsionada no sentido de realização de legados familiares transmitidos (FÉRES-CARNEIRO, ZIVIANI, 2010).

O lugar que o matrimônio dos pais ocupa nos planos de vida de seus filhos se entrelaça nos modelos de transmissão psíquica familiar. A maneira como os filhos se aproximam de suas heranças de família influencia os seus percursos de vida amorosa futura (MAGALHÃES, FÉRES-CARNEIRO, 2007).

### **5.1 Mitos sobre o casamento:**

Encontrar a pessoa perfeita é um dos principais mitos que as pessoas carregam como nos contos de fadas que ouvimos nas fábulas infantis, cujo príncipe e princesa se encontram e vivem felizes para sempre. A idealização do casal é que com o casamento a felicidade será plena e eterna (SZTOKBANT, 2012).

A família tem em seu funcionamento a preservação dos mitos, crenças e valores para a construção de suas histórias do passado sendo repetidas no presente. No casamento não é diferente, o casal trás para a relação conceitos de famílias diferentes, estabelecendo uma outra formação, as vezes se diferenciando de suas famílias de origem com o intuito de criar um novo modo de relacionamento (TRACHTENBERG et al, 2005)

Os mitos quando resistentes na família, podem desorganizar e ser causador de grandes rupturas e estigmas no núcleo familiar. É notória a dificuldade que algumas famílias têm em aceitar as diferenças, acreditando que o grupo deve pensar e agir comumente, ignorando a singularidade de cada membro (KROM, 2000).

Todas essas questões relacionadas a pais, filhos, futuro, pode ser um componente de angústia e gerador de conflitos para a família, quebrando ou até mesmo bloqueando as relações. Em vista, de preservar os mitos, a família tende a designar um de seus membros como sucessor, o responsável pela preservação e manutenção dos mitos, isso pode ser observado mediante as escolhas profissionais, matrimoniais ou mesmo na forma de educar (KROM, 2000)

Porém não é certo dizer que os mitos familiares são de todo ruim, eles possibilitam o resgate cultural de modo à adapta-la ao novo contexto social, facilitando e trazendo uma nova forma de diálogo para a família e sociedade. Mostrando uma visão panorâmica do passado, presente e futuro, tornando possível outras formas de relacionamentos e convivência (KROM, 2000).

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa, através da revisão bibliográfica, verificou que o aumento do número de divórcios ocorridos nas últimas décadas implicou mudanças na estrutura, papéis e relações entre os membros da família. Um número significativo de crianças e jovens passaram a crescer em configurações familiares diferentes da família nuclear tradicional, (FONSECA, 2008).

Naturalmente, todas as famílias estão sujeitas as crises ao longo de sua história, ou ciclo evolutivo. Porém, estas crises não precisam causar danos aos membros da família. As dificuldades são momentos de incerteza que as vezes são necessárias para impulsionar a família ao crescimento e amadurecimento. Elas criam uma necessidade de reorganização das relações entre os membros e leva-os a descobrir novas regras para o funcionamento do sistema familiar.

As lealdades inconscientes impulsionam à repetição, isto é, dizem respeito a algumas expectativas que existem e se cumprem nos casamentos e divórcios. Filhos de pais divorciados acabam divorciando-se. Esta é uma concepção sobre as repetições como se cada membro que nasce tivesse um papel a ser cumprido e precisará executá-lo com as obrigações e expectativas designadas pela geração anterior.

O que se observa muitas vezes no sistema familiar é a dificuldade em quebrar barreiras, há uma busca repetida, por velhas e conhecidas histórias. Desse modo, a família criará uma barreira protetora para a manutenção e naturalmente as repetições dos mitos, como forma de preservação.

Quando a família perceber que não precisa se cauterizar, mas reforçar seus vínculos de forma livre e respeitosa, o desenvolvimento se tornará mais sadio e juntos poderão compartilhar de experiências e crescimento.

Estas quebras de emaranhados do ciclo de vida são importantes tanto para a formação do grupo familiar, quanto para a formação do sujeito, mas é necessária a atenção para estar aberto as mudanças.

## 7 REFERÊNCIAS

ANDRADE, T. D. O. A evolução histórica do divórcio no Brasil. **Âmbito Jurídico**, Rio Grande, v. 15, n. 101, jun 2012. Disponível em: <[http://ambito-uridico.com.br/site/?n\\_link=revista\\_artigos\\_leitura&artigo\\_id=11574](http://ambito-uridico.com.br/site/?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=11574)>. Acesso em 15 nov 2015.

BENSI, C. T. **A escolha do parceiro: repetição da relação com os pais?** 2013. 40 f. Trabalho de Conclusão de Curso de Psicologia – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campos, 2013.

BOTEGA, C. 2002. A Evolução do divórcio no direito brasileiro e as novas tendências da dissolução matrimonial. **Revista Jurídica da Universidade de Cuiabá**, v. 12, n. 1, 2010. Disponível em: <<http://revistaemam.kinghost.net/revista/index.php/rjunic/article/view/171/155>>. Acesso em: 10 nov. 2015.

BOWEN, M. **De la família al individuo**. Argentina: Paidós Iberica, 1998.

CARUSO, I. **A separação dos amantes**. São Paulo: Diadorim Cortez, 1989. (Texto original publicado em 1968).

CARNEIRO, M. M. **Família, Casamento e Divorcio na Pós Modernidade: refletindo sobre relacionamentos**. 57 f. Monografia. UNICEUB, Brasília. 2008.

CARNEIRO, N. **A luta pelo divórcio**. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1973.

CERVENY, C. M. O. Família e filhos no divórcio. In: CERVENY, C. M. O (Org.). **Família e...** - São Paulo, Casa do Psicólogo, 2006. p. 83-95.

\_\_\_\_\_; , C. M. O.(2004) Família e divórcio. In: CERVENY, C. M. O (Org.). **Família e...** - São Paulo, Casa do Psicólogo, Reimpressão 2008. p. 25-37.

\_\_\_\_\_; (2000). **A Família como modelo: desconstruindo a patologia**. São Paulo: Ed. Livro Pleno, 2011. 2ª Ed. p. 16-19, 41-52.

\_\_\_\_\_; BERTHOUD, C. M. E. (2002). **Visitando a família ao longo do ciclo vital**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010. 1ª Reimpressão p. 29-57.

\_\_\_\_\_. (2002). **Família e Ciclo Vital: nossa realidade em pesquisa**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010. 1ª Reimpressão. p. 45-71.

CORREA, O. B. R. (Org.). **Os avatares da transmissão psíquica geracional**. São Paulo: Escuta. (2000).

FÉRES-CARNEIRO, T. Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. **Psicologia Reflexão e Crítica**. v. 11 n. 2, Porto Alegre. 1998.

\_\_\_\_\_, ZIVIANI, C. **Conjugalidades contemporâneas: Um estudo sobre os múltiplos arranjos amorosos da atualidade**. In: FÉRES-CARNEIRO, ZIVIANI (Eds.), **Casal e família: Permanências e rupturas**, São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 83-107. 2010.

GOMES, M. C. Conflitos visíveis, lealdades invisíveis: Como a Repetição inconsciente de conflitos pode se perpetuar através de gerações. **Autoconhecimento, reflexões e psicologia**. Disponível em: <<http://www.mariacristina.com.br/2015/08/conflitos-visiveis-lealdades-invisiveis.html>>. Acesso em: 2 dez 2015.

GRZYBOWSKI, L. S. **Parentalidade em tempo de mudanças: desvelando o envolvimento parental após o fim do casamento**. 102 f. Tese (Doutorado em Psicologia). PUCRS, Porto Alegre, 2007.

HARTMANN, I. B.; SCHESTATSKY, S. Transmissão do psiquismo entre gerações. **Revista Brasileira de Psicoterapia**, v. 13, n. 2, 92-114, 2011.

HERÉDIA, V. B. M. CASARA, M. B.; CORTELLETTI, I. A. Impactos da longevidade na família multigeracional. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 10, n. 1, 7-28, 2007.

KROM, M. **Família e mitos prevenção e terapia: resgatando histórias**. São Paulo, Ed: Summus, 2000. p. 15-34.

LEON, D. Por que casais mantêm a relação mesmo sabendo que ela está fracassada? **Portal dos anjos**. Disponível em: <<http://www.jornali9.com/mulher/familia/por-que-casais-mantem-a-relacao-mesmo-sabendo-que-ela-esta-fracassada>>. Acesso em: 15 nov 2015.

LEVY, L.; GOMES, I. C. Relações amorosas: rupturas e elaborações. **Tempo psicanalítico**, Rio de Janeiro, v. 43, n. 1, jun. 2011. ISSN 0101-4838 (versão impressa)

MARTINS, E. M. A. **Família e o processo de individuação na perspectiva de Murray Bowen**. 110 f. Dissertação (Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea). Universidade Católica do Salvador, Salvador, 2005.

MAGALHÃES, A. S., FÉRES-CARNEIRO, T. **Conjugalidade e subjetividades contemporâneas: O parceiro como instrumento de legitimação do "eu"**. Estados Gerais da Psicanálise: Segundo Encontro Mundial, Rio de Janeiro. Disponível em: <[http://egp.dreamhosters.com/encontros/mundial\\_rj/download/5a\\_Carneiro\\_39020903\\_port.pdf](http://egp.dreamhosters.com/encontros/mundial_rj/download/5a_Carneiro_39020903_port.pdf)>. Acesso em 15 nov 2015.

MALDONADO, M. T. **Casamento término e reconstrução: o que acontece antes, durante e depois da separação**. São Paulo, Integrare Editora, 2009.

MCGOLDRICK, M.; CARTER, B. (1989) **As mudanças no ciclo de vida familiar: Uma estrutura para a terapia familiar**. Porto Alegre, Artes Médicas, 2011. 2ª Ed. p. 301-305.

MINUCHIN, S. **Famílias: funcionamento e tratamento**. Porto Alegre: Artes Médicas. 1990. p. 139.

MORENO, C. **Léxico do casamento. Sua língua**. 2009. Disponível em:<<http://sualingua.com.br/2009/04/30/lexico-do-casamento/>>. Acesso em: 10 dez. 2015.

NASCIMENTO, R. R. L.; LOPES, R. M. F.; CERUTTI, F.; ESTEVES, C. S.; IATCHAC, F. O.; ARGIMON, I. I. L. Fatores essenciais na manutenção do casamento: Estudo de caso. **Psicologia.PT. O Portal dos Psicólogos**. 2011.

OLIVEIRA, N. H. D. **Recomeçar: família, filhos e desafios**. Tese (Doutorado em Serviço Social). Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2009.

PARISI, S. **Amor e separação: reencontro com a alma feminina**. São Paulo: Vetor, 2012.

POLITY, E. Práticas discursivas no atendimento de casal: um convite à mudança de sentido. In: MACEDO, R. M. S. **Terapia familiar no Brasil na última década**. São Paulo, Roca, 2008. p. 364- 375.

SZTOKBANT, T. Y. **Escolhas e relações amorosas**. São Paulo, Escuta. 2012. p. 13-15. 51.

TRACHTENBERG, A. R. C.; KOPITTKKE, C. C.; PEREIRA, D. Z. T.; CHEM, V. D. M.; MELLO, V. M. H. P. **Transgeracionalidade de escravo a herdeiro**: um destino entre gerações. Porto Alegre, Reimpressão, 2013. p. 129-140.

ZANETTI, S. A. S.; SEI, M. B.; COLAVIN, J. R. P. **Desafios de se manter como um casal na contemporaneidade**: Contribuições da Psicanálise sobre a dinâmica conjugal. Vinculo – Revista do Nesme, v. 10, n. 1, 45-54. 2013.

ZORDAN, E. P.; WAGNER, A. MOSMAN, C. O perfil de casais que vivenciam divórcios consensuais e litigiosos: uma análise das demandas judiciais. Psicologia – USF, v. 17 n. 2 Itatiba, Maio/Agosto. 2012